

O Interdiscurso no gênero charge: um estudo do discurso humorístico sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa

Telma Cristina Gomes da Silva*

Resumo: Objetiva-se com este artigo analisar o interdiscurso enquanto elemento constitutivo da produção de sentidos no gênero discursivo *charge*. Considerando que há sempre um diálogo interdiscursivo entre diferentes enunciados para a produção de sentido nesse gênero, pretende-se compreender como o discurso humorístico é constituído à luz da Análise de Discurso de vertente francesa. Para analisar essa produção de sentidos no referido gênero, analisamos as charges de Regis Soares veiculadas, no site desse chargista, no primeiro trimestre de 2011. Nesse estudo foram adotados dois tipos de investigação: 1) a pesquisa bibliográfica considerando os conceitos de *formação discursiva* e de *interdiscurso*; 2) e a seleção de charges, no site de Regis Soares, para a constituição do *corpus*. O *corpus* foi constituído a partir da temática “*a transição do governo do estado da Paraíba, Brasil, no ano de 2011*”, sendo examinados os discursos que circularam na mídia em torno dessa temática para saber como os enunciados dialogam entre si para a constituição do discurso humorístico.

Palavras-chave: Charge. Interdiscurso. Análise do Discurso.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze interdiscourse as a constitutive element of meaning production in the genre of comic strips. Considering that there is always a dialogue between different interdiscursive statements for the production of meaning in this genre, this proposal aims to understand how humorous discourse constitutes itself under the framework of French Discourse Analysis. To analyze the production of meaning in such genre, we analyze Regis Soares' strips, collected them from his site, in the first quarter of 2011. In this study we adopted two types of investigation: 1) the literature considering the concepts of *discursive formation* and *interdiscourse*; 2) and the selection of strips in Regis Soares' site, for the constitution of the *corpus*. The corpus was built from the theme "*the transition government of the state of Paraíba, Brazil, in 2011*", which examined the discourses on this topic that circulated in the media to verify how the statements interact with each other to form the humorous speech.

Keywords: Comic Strips. Interdiscourse. Discourse Analysis.

Introdução

O que pretendemos com este artigo é analisar o gênero discursivo *charge* à luz da Análise do Discurso (AD) de vertente francesa¹, visando mostrar que o referido

* Professora pesquisadora doutoranda do PROLING/UFPB na área de Linguística e Práticas Sociais.

gênero se caracteriza enquanto estratégia discursiva, uma vez que, organiza diferentes textos e/ou discursos que circulam na mídia produzindo efeitos de sentidos responsáveis pela constituição do discurso humorístico. Este trabalho, por sua vez, é resultante de leituras e de discussões no contexto acadêmico sobre o tema proposto, objetivando não somente investigar o *interdiscurso* como mera repetição de elementos linguísticos no texto, mas sim, como um diálogo amplo entre discursos que se dispensam e se entrecruzam para construir efeitos de sentido no/para o gênero discursivo.

Desse modo, adotamos o conceito de *gênero* que articula a concepção bakhtiniana e as noções de *formação discursiva* e de *interdiscurso* postuladas por Foucault e Pêcheux. Segundo Gregolin (2005, p. 23), essa articulação envolve as seguintes ideias: “a) há uma ordem do discurso que controla aquilo que se pode e se deve dizer, em certo momento histórico; b) há sempre diálogo intertextual entre os enunciados”, sendo, portanto, o gênero pensado como um dispositivo pertencente à *ordem do discurso* e também a *intertextualidade*, possibilitando, de acordo com a autora, revelar o sujeito do discurso e construir dois efeitos de sentido, a *identidade* e a *alteridade*, através da articulação entre o linguístico e o histórico, o discurso e o interdiscurso.

Desse modo, partimos do pressuposto de que “cada texto nasce de um permanente diálogo com os outros textos” (GREGOLIN, 2001, p. 10) e, assim, é impossível encontramos a palavra fundadora, a origem do dizer, com isso, “os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno vôo” (*idem. ibidem.*). É considerando essa perspectiva que nos propomos a investigar o *interdiscurso* enquanto elemento constitutivo dos efeitos de sentidos na *charge*. Para realizar este estudo interpretar-se-ão as charges produzidas por Regis Soares veiculadas, no site desse chargista, no primeiro trimestre de 2011. Nessas charges, observamos um diálogo intertextual e/ou interdiscursivo entre os diferentes discursos que circulam na mídia nacional, particularmente, na mídia paraibana, na qual, eram veiculadas notícias sobre a transição do governo do estado que serviu de temática para o gênero discursivo aqui analisado.

¹ Essa denominação é utilizada devido ao fato de existirem outra(s) análise do discurso e também por essa denominação ser utilizada aleatoriamente no contexto acadêmico sempre que se propõe a interpretar ou descrever um texto.

Nossa proposta como citado acima é evidenciar como se constitui o discurso humorístico na charge. A escolha de trabalhar com este gênero se justifica por ele ser constituído pelo diálogo entre diferentes *formações discursivas* e, além disso, ao fato dele ser recorrente na mídia televisiva, impressa e virtual, atingindo um grande número de leitores de diferentes faixas etárias e classes sociais e, por isso, é interessante compreender o discurso humorístico sob o ponto de vista da AD francesa.

Nesse estudo foram adotados basicamente dois tipos de investigação: a pesquisa bibliográfica, buscando o conceito de *formação discursiva* e o de *interdiscurso* e, em seguida, foi realizado um levantamento de charges veiculadas no site de Regis Soares para a constituição de nosso *corpus* a partir de a temática “*A transição do governo do estado da Paraíba no ano de 2011*”, sendo também observados os enunciados que circularam na mídia em torno da referida temática e, por sua vez, mostrar como diferentes enunciados dialogam entre si para a constituição do discurso humorístico.

No que diz respeito aos *objetivos de pesquisa*, este trabalho caracteriza-se como um estudo *exploratório-descritivo* por considerar as seguintes etapas de execução: 1) a pesquisa bibliográfica em que compilamos os textos teóricos criticamente para a delimitação e fundamentação do tema pesquisado; 2) a coleta, seleção e análise das charges divulgadas na internet para a observação do fenômeno estudado. Quanto ao *objeto* e aos *procedimentos técnicos* para operacionalização da pesquisa este estudo se caracteriza como uma *pesquisa bibliográfica*. Esse tipo de pesquisa, segundo Gil (2009), não apresenta um modelo em si, mas possui algumas etapas como, escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, busca de fontes, leitura do material entre outras. A etapa de leitura do material passou por outras quatro fases: 1) a *leitura exploratória*, na qual identificamos entre diferentes autores da AD textos sobre o tema pesquisado; 2) a *leitura seletiva*, fase em que determinamos entre o material encontrado o que realmente seria utilizado para fundamentar nosso estudo; 3) a *leitura analítica*, fase na qual resumizamos as informações das fontes, procurando formas de investigar o nosso *corpus*; 4) e a *leitura interpretativa*, fase em que relacionamos o que os autores dizem com o nosso objeto de estudo (*idem. ibidem*). Quanto à delimitação do *corpus*, o critério adotado é a temática da transição do governo do estado, como já havíamos citado anteriormente; logo, foram selecionados os textos que tratavam sobre essa temática e, por fim, aplicada a teoria para a análise.

O presente artigo está dividido em quatro partes. Na primeira tratamos brevemente sobre a teoria dos gêneros na perspectiva bakhtiniana centrando na função social da charge. Na segunda, explicitamos sobre o aporte teórico deste trabalho a AD francesa focando nas categorias de *formação discursiva* e de *interdiscurso* objetos de estudo no referido gênero discursivo. Na terceira parte, contemplamos sobre a composição do *corpus* e de sua análise propriamente dita e, por fim, tecemos considerações sobre o estudo realizado².

É preciso colocar que este tema não é inédito; sendo assim, pretendemos aqui apenas mostrar o tratamento dado ao *corpus*, as charges de Regis Soares, que abordam sobre a política paraibana, sob uma perspectiva teórica em que o discurso é o foco de estudo. Além disso, acreditamos ser interessante mostrar que a discussão em torno deste tema é inesgotável, uma vez que cada charge é uma charge gerando várias possibilidades de leitura no contexto acadêmico.

1. O Gênero Discursivo Charge

Segundo Gregolin (2005), no século XX, as discussões em torno dos *gêneros* tornaram-se alvo de vários estudos e, com isso, os gêneros passaram a ser considerados como produtos da história e, conseqüentemente, sujeitos a mudanças de acordo com a época e a situação comunicativa no qual eram produzidos. Nesse contexto, as discussões realizadas por Bakhtin foram responsáveis pela ampliação do conceito de *gênero*, uma vez que o filósofo não restringe sua concepção apenas aos textos institucionalizados, mas sim, a toda e qualquer forma de produção verbal (oral ou escrita), distinguindo as modalidades de enunciados³ entre *primárias* e *secundárias*. Pois, para Bakhtin (2000, p.279):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção

² Destaca-se que este estudo é resultante de leituras, discussões e pesquisa realizadas sobre o tema proposto na disciplina *Fundamentos em Análise do Discurso* oferecida pelo PROLING/UFPB.

³ O termo *enunciado* é aqui utilizado como sinônimo de *texto*.

operada nos recursos da língua [...], mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. [Isto significa que] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

É conforme essa perspectiva que Bakhtin (2000) se preocupou em distinguir os gêneros do discurso em *primários* e *secundários*. Segundo o autor, os gêneros *primários* são as formas discursivas que se constituem em circunstâncias de uma comunicação espontânea (réplica de diálogo, narrativa de costumes, documentos etc.), enquanto que os gêneros *secundários* são aqueles que “*aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente na escrita: artística, científica, sociopolítica*” (*ibidem*. p. 281). Essa distinção entre os gêneros do discurso possui um relevante valor teórico em virtude da natureza do enunciado; com isso, este passa a ser concebido como toda e qualquer forma de texto e/ou discurso (oral ou escrito), independente de sua extensão e, portanto, é a materialização de toda e qualquer forma de discurso.

Com essa categorização – conteúdo temático, estilo e construção composicional – a teoria bakhtiniana é talvez a primeira a elaborar uma concepção de gênero fundamentada em critérios enunciativos, relacionados às condições sociais de produção de língua. Cabe pontuar que o objetivo do filósofo russo ao propor essa categorização dos gêneros era descrever as particularidades do enunciado, e não analisar aspectos linguísticos do/no enunciado. Porque, para Bakhtin (2000, p. 293-294), “todo enunciado [...] comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados/respostas dos outros”. Assim, o gênero é uma ferramenta que auxilia o sujeito a se expressar numa situação de comunicação definida por parâmetros e, dessa maneira, cada gênero é responsável por exercer uma determinada função social. Com isso, segundo Gregolin (2005, p. 29):

Do ponto de vista bakhtiniano, as características de um determinado gênero refletem as condições específicas da esfera de utilização de linguagem. Esse reflexo pode ser observado no seu conteúdo (temático), no seu estilo verbal (a seleção operada nos recursos da língua) e, sobretudo, na sua construção composicional. Estes três elementos fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e são determinados pela especificidade do lugar social em que são empregados.

Diante disso, é necessário expor como a *charge* surgiu na história e, também, qual a sua função social. O gênero *charge*, segundo Silva (2011), surgiu na França do século XIX, com a função político-social de protesto contra a não liberdade de expressão da imprensa. Esse termo *charge* é “proveniente do francês ‘charger’ (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a *charge* tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero.” (MACÊDO & SOUSA, 2011). Entre as principais características desse gênero estão a caricatura, a sátira e a ironia. Além disso, ele também se caracteriza por articular o *verbal* e o *não-verbal* para constituir os efeitos de sentidos para o discurso humorístico. Normalmente, esse gênero aparece em jornal e revista, mas, usualmente, vem ganhando espaço em sites específicos para a sua divulgação como, por exemplo, o site de Regis Soares, no qual coletamos a amostragem para nosso estudo.

Mas o que nos interessa, neste trabalho, é o fato da *charge* ser tecida a partir de outros textos e/ou discursos, especialmente notícias veiculadas na mídia impressa e televisiva, atualizando discursos que circulam na sociedade contemporânea. Uma vez que a *charge* apropria-se de discursos que povoam a sociedade e os atualiza através da linguagem do *humor*, esse é um gênero diretamente ligado ao cotidiano social, pois aborda de forma humorística valores, política, problemas sociais, etc. e, com isso, propaga *ideologias*, tendo, assim, uma grande aceitação popular.

Esse diálogo com outros discursos na *charge*, segundo Pilla e Quadros (2009, p. 02), “requer um entendimento contemporâneo ao momento em que se estabelece a relação discursiva entre interlocutores, pois somente assim é possível perceber as estratégias utilizadas pelos vários atores sociais envolvidos no contexto de produção”. Sendo, assim, o que nos interessa compreender é como se constitui o discurso humorístico na *charge* a partir de uma teoria do discurso e, por isso, nos propomos a investigar o referido gênero à luz da AD francesa, já que esta teoria possibilita pensar o gênero sob a perspectiva da “formação discursiva, como um espaço discursivo, uma forma de articular os conteúdos enunciáveis em certo momento histórico e que aponta para uma identidade enunciativa.” (GREGOLIN, 2005, p. 24).

2. O Conceito de *Formação Discursiva* e *Interdiscurso* em Análise do Discurso

A Análise do Discurso de vertente francesa foi fundada na Europa, na década de 1960, com o propósito de demonstrar que o *discurso* é um lugar no qual podemos observar a relação entre a *língua* e a *ideologia* e, por sua vez, compreender como acontece à produção de sentidos para os sujeitos. Foram os estudos de Jean de Dubois e de Michel Pêcheux que forneceram subsídios para a construção das bases teóricas metodológicas da AD, com a publicação de dois manifestos, *Lexicologia e análise de enunciado* de Dubois e *Analyse Automatique du Discours*, livro em que Pêcheux estabelece uma relação transdisciplinar na teoria do discurso (GREGOLIN, 2001). Desse modo, a AD surge como uma disciplina de caráter interpretativo e transdisciplinar, uma vez que está pautada em diferentes áreas do saber, como a *Linguística* – através da releitura sobre o corte saussuriano que separa a *língua* da *fala* e, por sua vez, excluir o sujeito da linguagem –, a *História* – com a releitura sobre o materialismo histórico marxista – e a *Psicanálise* – em que é feita uma releitura criticando o sujeito empírico individual freudiano.

Com isso, a AD passou a ser denominada uma disciplina “*de entremeio*”, pois nasceu no meio desses três campos do saber, articulando o linguístico ao social e ao histórico e, por sua vez, preocupando-se com a determinação desses campos sobre o processo de produção de sentidos no/para o discurso. O *discurso*, assim, é visto como a “produção de sentidos, realizada por sujeitos, por meio da materialidade da linguagem, [por isso] temos a necessidade de articular teorias da linguagem, do sujeito, do histórico-social.” (GREGOLIN, 2011, p. 4). É a partir dessas diferentes epistemologias que Pêcheux concebe a linguagem como um fenômeno que deve ser visto em relação ao seu *interior* – a estrutura, o linguístico – e seu *exterior* – como acontecimento, materialidade ideológica.

Dito de outro modo, Pêcheux, a partir de uma relação existente entre *o dizer* e *as condições de produção desse dizer*, propõe uma teoria não subjetiva da linguagem ao introduzir a *exterioridade* como um elemento fundamental para a construção de sentidos no/para o discurso e, com isso, é necessário que a Linguística busque subsídios teóricos em outras áreas do conhecimento a exemplo da Psicanálise e da História. Dessa interdisciplinaridade não é somente oriunda uma nova concepção de linguagem, mas também de discurso, sendo, portanto, fundamental que este seja compreendido em um

contexto histórico-ideológico em que os sujeitos produzam e interpretem efeitos de sentidos nos/para os textos que circulam pela sociedade.

Com isso, segundo Brandão (2004), dois conceitos passam a ser centrais para AD francesa, o de *ideologia* e o de *discurso*, sendo, assim, os pensamentos de Althusser sobre o *assujeitamento ideológico* e de Foucault sobre a noção de *formação discursiva*, essenciais para as bases dessa teoria do discurso. Entretanto, neste artigo, nos deteremos apenas na discussão em torno da formação discursiva (FD), já que esta é uma categoria fundamental para a compressão de nosso objeto de estudo, o *interdiscurso*, no gênero *charge*. Foucault (1969, *apud.* BRANDÃO, 2004) concebe os discursos como sendo uma dispersão e, por sua vez, esses são formados por elementos que não possuem uma unidade. Daí, a necessidade de o analista do discurso descrever essa dispersão em busca de uma regularidade para os discursos. Nesse sentido, o conceito de formação discursiva aparece como fundamental para a descrição dessa dispersão e, assim, podemos dizer que o discurso é “um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva” (*ibidem.* p. 33) e, portanto, “a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem.” (*idem. ibidem.*).

Em suma, para Foucault (1997, p. 43, *apud.* GRANJEIRO, 2007, p. 35):

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva.

Nesse sentido, uma FD é um conjunto de enunciados em que ocorre certa regularidade. Ela determina *o que pode* e *o que deve ser dito* em uma determinada situação de comunicação agrupando um conjunto de acontecimentos enunciativos. É por isso que esse conceito é central na Análise do Discurso, uma vez que essa noção está diretamente relacionada à produção dos efeitos de sentido, pois uma formação discursiva organiza os “feixes de sentido do arquivo que, numa sociedade rege as regras de aparecimento dos enunciados com valor de um acontecimento singular.” (NAVARRO, 2008, p.66).

Sendo, assim, o conceito de FD relaciona o sistema da língua com a dispersão de enunciados, aproximando os pensamentos de Pêcheux e de Foucault e, por sua vez,

apontando em direção à ideia de *heterogeneidade* e, com isso, inserindo a noção de *intradiscurso* e *interdiscurso* na AD, já que uma formação discursiva se constitui a partir da *heterogeneidade discursiva*.

Segundo Sargentini (2006, p. 40):

A entrada do conceito de interdiscurso [na AD] modifica a forma de organização do *corpus*. O conceito introduz uma abordagem mais dialética ao indicar que toda formação discursiva dissimula um todo complexo dominante (em uma perspectiva althusseriana). O interdiscurso é, assim, um espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função das relações de dominação, de subordinação e de contradição.

Logo, para Foucault (1995, *apud.* FERNANDES, 2007, p. 53) “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistência”, ou seja, todo o enunciado é correlacionado a outros com os quais forma uma cadeia, um campo de enunciados adjacentes. Esses exprimem uma memória coletiva, isto é, “acontecimentos exteriores e anteriores ao texto e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.” (FERNANDES, 2007, 62).

Nesse sentido, o *interdiscurso* é fruto da presença de diferentes discursos, provenientes de diferentes momentos históricos e lugares sociais, que se entrecruzam no interior de uma formação discursiva; assim, os enunciados se constituem como elementos fundamentais para a composição do *corpus* em AD, sendo, portanto, todo o enunciado heterogêneo e carregado de um conhecimento linguístico, histórico, social e ideológico.

Foucault (1969 *apud.* BRANDÃO, 2004) enumera quatro características constitutivas do enunciado: 1) todo enunciado tem uma relação com um correlato, isto é, um referencial; 2) o enunciado também é relacionado com seu sujeito; 3) não existe enunciado livre, neutro ou independente, pelo contrário, o enunciado sempre faz parte de um conjunto de enunciados, no qual desempenha um determinado papel; 4) enunciado é diferente de enunciação, o primeiro é aquele que se repete, é um objeto material, enquanto, que a segunda é um acontecimento único.

Diante do exposto, para a AD, o discurso não pode ser analisado apenas considerando o aspecto linguístico, mas também, é preciso se investigar os aspectos *histórico, social e ideológico* a fim de compreender os efeitos de sentidos produzidos nesse discurso em determinado contexto social.

3. A constituição e a análise do *corpus*: a *charge* sob a perspectiva da AD francesa

De acordo com Sargentini (2006), a AD apóia-se no conceito de *arquivo*⁴ como metodologia de coleta de seu objeto de estudo e, com isso, a análise é pautada em um conjunto de enunciados efetivamente produzidos.

O trabalho com esse conceito, segundo Sargentini (2008), exige que o *corpus* em análise possibilite “uma leitura que traga à tona dispositivos e configurações que permitam flagrar o sistema da formação e transformação dos enunciados a partir da diversidade de textos, de um trajeto temático ou ainda de um acontecimento.” (*ibidem*, p. 132). Por isso, a AD trabalha com a noção de arquivo, uma vez que este conceito possibilita organizar o *corpus* através de um tema, palavra ou expressão, em outros termos:

A noção-método de trajeto temático desenvolve-se a partir da seleção de um tema, uma palavra ou expressão que será analisada no interior de um arquivo, permitindo acompanhar os sentidos advindos de uma memória discursiva, sujeitos ao domínio da atualidade e da antecipação. (SARGENTINI, 2008, p. 133).

Daí, a importância em se considerar o acontecimento do enunciado, pois, é nesse acontecimento que se dá o entrecruzamento entre os diversos discursos fundamentais para a produção de sentidos.

Diante do exposto, destacamos que o nosso arquivo foi constituído durante os três primeiros meses de 2011, no qual aconteceu a *transição do governo do estado da Paraíba*. Momento em que ocorreram mudanças políticas decorrentes dessa transição e, também, em que ocorreram greves no estado paraibano, como à greve dos policiais militares, dos professores do estado e dos médicos contratados do sistema público estadual; além disso, os concursados do estado reivindicavam a efetivação em cargos

⁴ Segundo Fernandes (2007) o *arquivo* é um conjunto de enunciados produzidos em uma determinada época, apresentado por Foucault como um sistema do que pode ser dito.

públicos. Com isso, a mídia local, no caso a paraibana, divulgou várias notícias em torno das decisões tomadas pelo novo governo do estado sobre as referidas situações. Diante do exposto, tomamos a *transição do governo do estado na Paraíba em 2011*, como o acontecimento empírico, que possibilitou o diálogo entre diferentes discursos, ou melhor, formações discursivas, para a constituição do discurso humorístico das *charges* produzidas por Regis Soares. Vejamos a seguir a descrição e análise de algumas charges que expressam a situação política da Paraíba neste momento de transição do governo do estado.

Na primeira charge, temos a materialidade imagética remetendo para o momento da transição do governo do estado em 2011, no qual, duas figuras políticas representantes do estado paraibano, ambas membros do PSBD da PB, divergem sobre apoiar ou não o atual governo. Nessa época o novo governador do estado, R. C., nomeou o deputado H. B. para assumir a liderança do governo na Assembléia Legislativa da Paraíba, mas o senador C. L., forte aliado do deputado, se posicionou contra a atitude do governo, por acreditar ser essa uma estratégia do governo para calar a oposição e, assim, o caso foi amplamente comentado pela mídia local (imprensa, televisiva etc.).

Vejamos a charge:



Fonte: <http://www.chargesnarua.com/>

Descrevendo o enunciado “*Vou sim, quero si, agora Ricardo é quem manda em mim!*” da segunda personagem da charge percebemos vestígios, em nível de interdiscurso, que remetem para outra formação discursiva, a *musical*, pois, o chargista

utiliza o fragmento de uma música que estava fazendo sucesso na mídia nacional para construir os efeitos de sentido para o humor. Ou seja, o chargista ao recuperar o enunciado “*Vou não, quero não, posso não/Minha mulher não deixa, não/Não vou não, quero, não*” refrão da música “*Minha mulher não deixa não*” que repercutia na mídia brasileira naquele mesmo momento histórico da transição da política paraibana, consegue inverter o sentido do que fora enunciado na letra da música para dar o caráter humorístico a charge.

Com isso, o locutor para tratar da situação política pela qual passava o estado, utilizou discursos de duas formações discursivas distintas – a *política* e a *musical* – para atribuir sentidos para o seu texto, satirizando os desencontros e os conflitos dos políticos do estado e, conseqüentemente, fazendo com que o texto cumpra com a sua função social.

A segunda charge remete para outra situação política ocorrida no estado paraibano durante a mudança de governo estadual. A reivindicação dos policiais militares pelo pagamento da PEC 300, que já havia sido garantida pelo governo anterior no final do ano de 2010, porém considerada ilegal pelo novo governo, uma vez que, nenhum projeto de lei poderia ser aprovado, nem tampouco assinado em ano eleitoral e, com isso, o novo governo vetou o pagamento da PEC 30, provocando revolta entre os policiais militares que acabaram entrando em greve em todo o estado.

Vejamos abaixo a segunda charge:



Fonte: <http://www.chargesnarua.com/>

O enunciado “*Vou não, quero não, posso não/Minha mulher não deixa, não/Não vou não, quero, não*”, refrão da música citado acima, é retomado pelo

chargista para atribuir sentidos também para este segundo texto. Nesse texto temos duas personagens: um *soldado*, representando os policiais militares, segurando uma placa com o enunciado “**PEC 300**” e a personagem que representa o atual governador do estado sentado em uma cadeira tocando o refrão da referida música em um vilão. Aqui o locutor da charge retoma outro acontecimento político da transição do governo do estado da Paraíba em 2011, em que o governo R. C. se pronunciou na mídia local contra três projetos enviados a Assembleia Legislativa durante o final do mandato do governo anterior, alegando a ilegalidade dos projetos e, assim, criando uma polêmica entre governo e policiais, já que um dos projetos dizia respeito ao pagamento da PEC 300.

Analisando essa segunda charge, percebemos mais uma vez que o chargista utiliza discursos de duas formações discursivas, *política* e *musical*, para atribuir sentidos para o seu texto, satirizando mais uma situação da política paraibana; e, por sua vez, mostrando que o referido gênero discursivo se constitui a partir do diálogo entre diferentes FDs para produzir os efeitos de sentidos para o seu discurso. Além disso, percebemos a utilização do mesmo enunciado “***Vou não, quero não, posso não/Minha mulher não deixa, não/Não vou não, quero, não***” para atribuir sentidos para situações diferentes, como também identificamos a interdiscursividade como elemento constituinte de ambas as charges.

Nesse sentido, podemos afirmar que a formação discursiva compre a sua função operacional, quando agrupa enunciados em torno de um único acontecimento e, também, que o interdiscurso se caracteriza ao encontrarmos na charge vestígios linguísticos que se repetem e se inscrevem no discurso humorístico construindo, assim, os efeitos de sentidos responsáveis pelo humor nesse gênero discursivo.

Na terceira charge, embora o locutor não retome o enunciado da música, é possível identificarmos o diálogo desse texto com os textos anteriores, pois, o chargista se reporta novamente a polêmica da PEC 300, entretanto a partir de outra formação discursiva, a do *discurso religioso*. Desse modo, podemos identificar nessa charge a personagem que representa o atual governador do estado vestido de padre enunciando “***Por favor, não PEC!***” a outra personagem que representa os policiais militares.

Vejamos o enunciado da terceira charge:



Fonte: <http://www.chargesnarua.com/>

Como podemos verificar neste enunciado, a palavra **PEC** é utilizada de forma ambígua, uma vez que o locutor, para construir os efeitos de sentidos para o texto, joga com o duplo sentido do referido termo, fazendo o humor surgir dessa ambiguidade discursiva entre a sigla **PEC** e a conjugação na terceira pessoa do singular da palavra *pecar*. Nesse sentido, o termo remete para o fato do governo não se responsabilizar pelo problema deixado pela gestão anterior, no caso o pagamento da PEC 300, alegando a ilegalidade do projeto e, com isso, tentando passar uma imagem de ‘santo’ para a população. Por outro lado, o enunciado também remete para o fato da greve dos policiais ser considerada um ‘pecado’, isto é, um erro, uma vez que o projeto que autorizava o pagamento da PEC foi considerado ilegal.

Sendo assim, o locutor, ao buscar no discurso religioso subsídios para provocar o humor com a situação da política paraibana, constrói os efeitos de sentido para seu texto através da heterogeneidade discursiva de um enunciado que remete para outras FDs e, também, através do diálogo entre textos que tratam sobre a mesma temática, como aconteceu entre a segunda e a terceira charges.

Daí a importância do analista do discurso considerar o *dialogismo*, isto é, o conjunto complexo de relações discursivas que tece todo e qualquer enunciado a fim de compreender não somente constituição linguística do enunciado, mas também sua dimensão intertextual e, assim, os efeitos de sentido responsáveis pelo humor na charge.

Na quarta charge, temos:



Fonte: <http://www.chargesnarua.com/>

Percebemos nessa charge que o discurso em torno da “PEC 300” se repete mais uma vez, pois, no texto aparece à figura de um soldado segurando uma placa com o enunciado “*Pague Mais*”, ou seja, a charge aponta para a reivindicação pelo pagamento da PEC aos policiais militares; entretanto, o locutor, para construir os efeitos de sentidos para este texto, dialoga com outra FD quando traz para a charge o *discurso da propaganda* (discurso publicitário) de uma farmácia local denominada “*Pague Menos*”, jogando mais uma vez com a ambiguidade para criar o humor no referido gênero discursivo, demonstrando, assim, o que postula Bakhtin (2002) ao dizer que o discurso do *eu* se constrói no confronto com o discurso do *outro*.

Além disso, o *P* e o *M* maiúsculos, no enunciado “*Pague Mais*”, apontam para a abreviatura de *P*olicia *M*ilitar (PM) e, dessa maneira, o locutor joga com as siglas atribuídas a essa categoria de policiais atribuindo sentidos para o gênero discursivo e, com isso, o discurso trazido da propaganda colabora para que o texto cumpra mais uma vez com a sua função, isto é, criticar uma situação social através do humor.

A quinta charge também dialoga com as charges anteriores e traz os problemas enfrentados pela população paraibana no momento da transição do governo. O diálogo com as outras charges é realizado através da figura do policial militar, logo, há uma interdiscursividade temática entre os textos que tratam sobre as reivindicações por aumento salarial dos servidores públicos do estado da Paraíba no primeiro trimestre de 2011.

Nessa charge percebemos que o locutor busca suporte no discurso dos *sem-terra* ao utilizar o termo “*SEM*” para criticar a situação dos servidores do estado paraibano,

no momento da transição governamental, em que muitas eram as categorias e/ou situações em que o povo mal assistido pelo poder público reivindicava melhorias e, portanto, ações do poder executivo estadual. Vejamos a quinta charge:



Fonte: <http://www.chargesnarua.com/>

Podemos verificar nessa charge uma síntese da multiplicação de discursos que ecoaram no momento de transição do governo em 2011 como, por exemplo, a reivindicação de aumento salarial pelos professores, médicos e policiais (os sem aumento), a reivindicação dos concursados (os sem emprego), a reivindicação dos motoqueiros que tiveram a moto, denominada *cinquentinha*⁵, apreendida (os sem transporte) e, em geral, o problema do transporte público⁶ (os sem espaço). Esses diferentes discursos se entrecruzam em um só texto a partir do elemento linguístico “*SEM*”, que possibilita a ressignificação desse termo para atribuir sentidos para o discurso de outras categorias e/ou classes sociais que buscam soluções para seus problemas com o poder público.

A análise dessa charge é um bom exemplo daquilo que nos diz Foucault (1999), em *A Ordem do Discurso*, sobre a proliferação de enunciados. Segundo o autor, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus

⁵ No início da gestão do governo, em 2011, foi proibida a circulação em motocicletas de baixa cilindrada sem a devida habilitação para conduzir o veículo e, desse modo, muitas foram motocicletas apreendidas nas ruas da capital paraibana, gerando insatisfação na população.

⁶ Esse problema é decorrente do aumento da frota de veículos na capital, que começou a provocar um caos no trânsito sem que as autoridades tomassem uma iniciativa de melhorias.

poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT , 1999, p. 09).

Dito de outro modo, ao trazer para a charge diferentes discursos, ou melhor, vozes e/ou posições sociais em torno de um mesmo tema – no caso, as reivindicações da população paraibana ao governo do estado – o locutor através do *interdiscurso* e da *formação discursiva*, constitui efeitos de sentidos para o seu texto e, por sua vez, constrói o discurso humorístico. Segundo Gregolin (2006), o que atesta a historicidade de um enunciado é a relação desse enunciado com a série de formulações com as quais ele coexiste, isto é, o enunciado é caracterizado pelo dialogismo que possui entre ele e outros campos e/ou enunciados e, desse modo, o locutor da charge atribui ressignificações àquilo que foi dito para construir efeitos de sentido para o seu texto.

4. Considerações Finais

Com este trabalho, observamos o quanto é fértil um estudo do discurso aliado à abordagem do gênero, uma vez que o *gênero discursivo charge* é um lugar móvel, no qual se encontram o sujeito, a língua e a História para a atualização de enunciados e, por sua vez, para construir efeitos de sentidos para o texto. Como afirma Pêcheux (1990, p. 53, *apud*. GREGOLIN, 2001, P. 26), “todo enunciado é intrinsecamente susceptível de torna-se outro diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro” e, por isso, Courtine (1990, *apud*. GREGOLIN, 2006, p. 24) afirma que a análise de discursos não pode se limitar a mera caracterização dos diferentes tipos de texto, mas sim em pensar e em descrever como acontece o entrecruzamento entre os enunciados historicamente situados.

Essa relação interdiscursiva, que ocorre entre os enunciados que circulam pela sociedade, dialoga para a constituição do discurso humorístico e, com isso, podemos concordar com Sargentini (2008), quando esta diz que a “discursividade passa, então, a ser compreendida como um espaço regrado de dispersão de enunciados.” (SARGENTINI, 2008, p. 132) e, ainda, que o interdiscurso possibilita ao sujeito articular um conjunto de evidências percebidas e aceitas socialmente e, dessa maneira, criar novas significações, ou melhor, atribuir novos sentidos ao já dito, como acontece

com o gênero charge, que se apropria de diferentes discursos dispersos para formar o discurso humorístico objetivando satirizar uma situação social.

Sendo, assim, podemos confirmar que o discurso humorístico é atravessado por outros discursos, uma vez que ele é perpassado por outros discursos que se apresentam em formas mais ou menos reconhecíveis. Portanto, o *interdiscurso* se caracteriza como uma maneira real de constituição do discurso chargístico e, com isso, é responsável pela produção de efeitos de sentidos no referido gênero discursivo.

Diante do exposto, o discurso da charge traz, na sua constituição, marcas de heterogeneidade discursiva que propiciam uma ligação com a memória e a linguagem, envolvendo a interpretação de acontecimentos que estão relacionados com diferentes formações discursivas. Nessas FDs, os enunciados duelam, ou melhor, dialogam entre si para construir os efeitos de sentido e, dessa forma, o discurso 'nunca' é original, mas sim o resultado de um jogo de efeitos de sentidos em que diferentes posições de sujeito dialogam, tecendo um novo discurso inscrito histórica, social e ideologicamente.

5. Referência Bibliográfica

BAKHTIN, M. V. A Interação Verbal. In: **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 10ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2002, pp. 110-127.

BAKHTIN, M.. Os Gêneros do Discurso In. **Estética da Criação Verbal**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-336.

BRANDÃO, H. H. N.. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora de UNICAMP, 2004.

FERNANDES, C. A.. A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na Análise do Discurso. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos. (orgs.) **Percursos da análise do discurso no Brasil**. São Carlos: Editora Claraluz, 2007, pp. 47-68.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. 12 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

GREGOLIN, M. R. V.. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (Org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e método**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, pp.19-34.

_____. Nas malhas da mídia: agenciando os gêneros produzindo sentidos. In: CORGI, R. L. B. (org.). **Identidade, Cultura e Linguagem**. Cáceres, MT: UNEMAT Edirora, 2005, pp.23-33.

_____. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, M. R. V.; CRUVINEL, M.F.; KHALIL, M. G. (orgs.). **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara, SP: Laboratório Editorial/Acadêmica, 2001, pp.9-36.

_____. **No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault**, 2011. (*mineo*).

GRANJEIRO, C. R. P.. Foucault, Pêcheux e a Formação Discursiva. In: BARONAS, R. L.. **Análise do discurso: apontamento para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, pp. 33-45.

MACÊDO, J. E. T.; SOUZA, M. L. G.. **A charge no ensino de história**. Disponível em: http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF. Acesso em 06/07/11.

NAVARRO, P.. Discurso, História e Memória: Contribuições de Michel Foucault ao Estudo da Mídia. In: TASSO, I. (Org.). **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gem), Identidade e Memória**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, pp. 59-74

PILLA, A.; QUADROS, C. B.. **Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2082-1.pdf> Acesso em: 14/06/2011.

SARGENTINI, V. M. O.. O arquivo e a construção de memória o caso do apagão. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R.. (orgs.) **Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, pp. 131-142.

_____. Arquivo e acontecimento: a construção do discurso em análise do discurso. NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 35-44.

SILVA, Al. A. P. **A formação discursiva através de charges.** Disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/88_Alessandra_Silva.pdf Acesso em: 03/07/11.

Artigo recebido em: 29.03.2012

Artigo aprovado em: 15.05.2012

Domínios de Lingu@gem